

NATUREZA E ARTE: EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MÁRCIA ELIANE SILVA OLIVEIRA¹; CILARA BRAGA GREGORIO²; GERUSA BOHLKE PINTO SOUZA³, LETÍCIA HARDTKE SCHWANKE⁴; JEANE DOS SANTOS CALDEIRA⁵;

MARCELO OLIVEIRA DA SILVA⁶:

¹Universidade Federal de Pelotas – marciaelianesilvaoliveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – laragregorio232@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – gerusabohlke477@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – leticiaschwanke1@gmail.com

⁵Prefeitura Municipal de Pelotas – jeanecal@yahoo.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas – moliveiras@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A infância é um período singular da vida humana, marcada por intensas descobertas, experiências sensoriais e interações com o meio. Nesse processo, o brincar, o explorar e o experimentar são fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. No contexto da Educação Infantil, especialmente no berçário, torna-se essencial promover práticas pedagógicas que integrem elementos naturais ao cotidiano das crianças, como a terra, a areia e o carvão, criando oportunidade de exploração artística e expressiva.

Inspiradas pelas reflexões de Suzana Rangel Viera da Cunha (2016; 202; 2022) e Camila Bettin Borges (2016), que discutem a arte na infância como prática sensível, política e significativa, este estudo busca compreender como a arte, aliada aos materiais naturais, pode ampliar as experiências sensoriais e cognitivas dos bebês e crianças bem pequenas.

O foco é investigar de que maneira o uso de materiais naturais em práticas artísticas pode favorecer o desenvolvimento da criatividade, da imaginação, da coordenação motora e das relações significativas com o meio ambiente. Ao permitir que as crianças manipulem livremente elementos naturais, favorecemos a construção de grafismos e expressões visuais que revelam formas próprias de perceber e representar o mundo.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

O presente trabalho é fundamentado em uma pesquisa qualitativa, que foi aplicada para produzir dados a partir de intervenções práticas na escola. Norman Denzin e Yvonna Lincoln (2006, p.17) asseguram que a pesquisa qualitativa é uma atividade que faz o observador se localizar no mundo; que ela consiste em um conjunto de práticas materiais e de interpretação que dão visibilidade às pessoas; e que essas práticas transformam o mundo em uma série de representações. Nossa cenário de estudo é a Escola Municipal de Educação Infantil Professor Mário Osório Magalhães, pertencente à rede pública municipal da cidade de Pelotas/RS, tendo como público-alvo crianças de zero a três anos. A escola ocupa uma infraestrutura física que faz parte de uma Instituição Filantrópica, denominada Instituto São Benedito, projetada, inicialmente, para o acolhimento de órfãs no início do século XX. Tal instituição aluga parte do prédio

para que funcione a escola. Desta forma, o pátio é bem reduzido, revestido por piso cerâmico, tornando necessário que levemos a natureza ao encontro das crianças. Mais especificamente, em uma turma de berçário com vinte e quatro crianças, com idades entre seis meses e dois anos. Nossas práticas e propostas com as turmas de berçário acontecem a partir de nossa vinculação ao Programa Institucional de Bolsas à Iniciação à Docência (PIBID). Vale destacar que as crianças receberam nomes fictícios, e as idades de cada uma delas estará entre parênteses no decorrer do texto.

Para produção dos dados utilizamos a escrita dos registros em nossos diários, que é uma fonte de documentação pedagógica importante para, segundo Zabalza (2004), servir à reflexão posterior da própria professora, construindo-se como fonte de retorno constante sobre sua prática, além de utilizarmos registros fotográficos e vídeos. Ainda para Zabalza (2004, p.17), “os diários permitem aos professores revisarem elementos de seu mundo pessoal que frequentemente permanecem ocultos à sua própria percepção, enquanto está envolvido nas ações cotidianas de trabalho”.

As propostas de experiências foram planejadas com a intencionalidade pedagógica e com espaço livre para o desenvolvimento da autonomia das crianças. O papel das educadoras foi o de propor os contextos exploratórios e acompanhar os processos de criação, sem interferir diretamente nas produções. Para este escrito destacamos duas intervenções.

Na primeira intervenção analisada, levamos pedaços de carvão e papel pardo uma tira presa na parede e outra no chão. As crianças logo se sentiram convidadas a explorar o material riscante. Elas pareciam questionarem-se: “O que é isso?”, “Para que serve?”, “O que posso fazer com isso?”. Logo investiram em pegá-los e, ao perceber que as mãos ficaram tisnadas, já entenderam que poderiam riscar o papel e assim foi feito. Como ocorreu com Marcos (2 anos) e com Hélio (1 ano e dez meses), que começaram a riscar o papel pardo que estava na parede. Marcos parecia um artista, por vezes parava de riscar, afastava-se e observava a obra de longe, logo retornava e riscava mais, e assim o fez por várias vezes, como se quisesse aperfeiçoar sua obra. Já Dionizio (1 ano e dois meses), preferiu riscar o papel pardo fixado ao chão, além de suas próprias mãos. Solange (1 ano e 9 meses) adorou riscar e apontar como se quisesse mostrar sua obra. Alexia (1 ano e sete meses) preferiu encher potes com pedaços de carvão (Registros do diário de aula). Nesse sentido, de acordo com Cunha e Borges (2015, p. 113) “Ser professora propositiva é desafiar-se a sair do ‘mais do mesmo’, do engessamento. É romper barreiras, atravessar fronteiras e sentir o prazer de vivenciar uma docência criativa”.

Em outro momento, levamos terra e areia. Os bebês logo sentiram-se convidados à exploração e investigação dos materiais: adoraram espalhar a terra e a areia no plástico que forramos o chão. fizeram várias marcas no chão, lembrando artes efêmeras. Além de gostarem da textura, experimentaram espalhar nas mãos e nas roupas. Dionízio (1 ano e dois meses) espalhou a terra e a areia no chão, e deitou-se em cima rolando com expressão de alegria no rosto. Os outros bebês como Solange (1 ano e nove meses), Alexia (1 ano e sete meses) e Marcos (2 anos) preferiram fazer marcas no chão e brincar de encher e esvaziar potes.

A prática pedagógica na Educação Infantil deve considerar a criança como sujeito potente, capaz de produzir sentidos, manifestar emoções e construir conhecimentos por meio de múltiplas linguagens, entre elas a arte. Quando introduzimos elementos naturais nas vivências artísticas, como terra, areia e

carvão, ampliamos as possibilidades expressivas e sensoriais, permitindo que a criança explore o mundo com o corpo, os sentidos e a imaginação.

Sob essa perspectiva, as experiências realizadas no campo de estudo propuseram o uso desses materiais em contextos de livre experimentação e criação gráfica. As propostas foram organizadas de modo que as crianças pudessem investigar diferentes texturas, temperaturas e formas de manipulação, favorecendo a construção de grafismos e traços autorais. A terra e a areia, por exemplo, foram utilizadas como suporte para desenhar com os dedos realizando marcas e expressões, e o carvão, foi utilizado como ferramenta de traços sobre superfícies claras.

As autoras Cunha e Borges (2016) ressaltam a importância de criar situações em que a criança possa ser protagonista de seu processo artístico, valorizando a descoberta e a criação livre. Para elas, o educador tem o papel de observar, escutar e propor contextos ricos em possibilidades, sem dirigir ou antecipar resultados. Como destaca Cunha (2022), trata-se de permitir que as crianças produzam “materiais efêmeros, perenes, concretos, gasosos, molhados, secos, claros, coloridos, monocromáticos”, evidenciando a diversidade de suas expressões e o caráter único de suas produções.

Essas observações reforçam a ideia de que a arte, quando vivenciada em liberdade e com materiais significativos, favorece não apenas o desenvolvimento motor e cognitivo, mas também construção de vínculos afetivos e a relação sensível com o ambiente.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a potencialidade da arte como linguagem de expressão, descoberta e construção de conhecimento na primeira infância, especialmente quando associada ao uso de materiais naturais. As práticas desenvolvidas demonstram que elementos naturais quando inseridos em contextos pedagógicos, sensíveis e intencionais, contribuem significativamente para o desenvolvimento integral da criança, promovendo a criatividade, a coordenação motora, a autonomia e a sensibilidade estética.

A partir das contribuições Cunha e Borges (2016) que a arte na Educação Infantil não deve ser reduzida a atividades dirigidas, ou repetições de modelos, mas sim compreendida como território de criação, escuta e respeito às singularidades infantis. Ao reconhecer a criança como sujeito criador, o educador assume um papel de mediador e provocador de experiências, criando espaços de liberdade e descoberta.

Por fim, os resultados obtidos apontam para a necessidade de maiores investimentos em práticas educativas que envolvam elementos naturais, bem como para a ampliação de estudos que explorem o impacto dessas práticas em diferentes contextos, com abordagens mais sensíveis, sustentáveis e alinhadas ao desenvolvimento integral das crianças.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, S. R. V. da – Materiais e Materialidades: Qual o lugar deles na Educação Infantil?. CARVALHO, R. S. de (orgs.). **Arte Contemporânea e Educação**

Infantil: crianças observando, descobrindo e criando. 2º ed. rev. e amp. Porto Alegre. Zouk, 2022, p.101-114.

CUNHA, S. R. V. da; BORGES, C. B. A Arte é para as Crianças ou é das Crianças? Problematizando as questões da arte na Educação Infantil. In: FARIA, A. D. de; ROSA, E. (orgs.). **Entre o sensível e o político:** arte e educação na infância. Campinas: Papirus, 2016, p.79-94.

CUNHA, S. R. V. da. Meninos/Meninas e os materiais. **Olhar de Professor**, Ponta grossa, v.24,p.1-25,e-17695.037, 2021. Disponível em <<https://revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor>>. Acessado em 08 fev. 2023.

DENZIM, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: A disciplina e a prática de pesquisa qualitativa. In: **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006, p.15-41.

ZABALZA, M.. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.